

A Profecia: Estudos Bíblicos Sistemáticos e Sinais dos Últimos Dias

I. Introdução: A Relevância da Escatologia nos Estudos Bíblicos Sistemáticos

A Teologia Sistemática constitui uma disciplina fundamental que visa organizar as verdades bíblicas em categorias coerentes, buscando uma compreensão unificada e abrangente da revelação divina. A principal fonte para o teólogo sistemático é a Bíblia, considerada a base inerrante para toda a doutrina. Complementarmente, a Teologia Bíblica contribui ao examinar o desenvolvimento progressivo de termos, conceitos e temas ao longo do Antigo e Novo Testamento, enquanto a Teologia Histórica analisa a evolução doutrinária através dos séculos.¹

É notável que, mesmo entre os "pais da Igreja", que viveram no ardor da era apostólica, não havia uma concepção totalmente clara dos fatos escatológicos, o que demonstra a complexidade e a progressividade da compreensão profética ao longo da história.²

Dentro do vasto campo da teologia sistemática, a Escatologia emerge como o estudo das "últimas coisas" ou dos acontecimentos finais na história da humanidade, conforme profetizado nas Escrituras Sagradas, com particular destaque para o livro de Apocalipse.³ A centralidade da escatologia é crucial para uma compreensão adequada da vida e da doutrina de Jesus; alguns teólogos argumentam que a sua marginalização pode, inclusive, conduzir ao ceticismo.² Por conseguinte, é imperativo que qualquer abordagem escatológica seja coerente, bíblicamente fundamentada e desprovida de sensacionalismos, promovendo a santificação e um entendimento aprofundado das Escrituras.³

O presente estudo tem como objetivo revisar e aprofundar a compreensão das profecias relacionadas aos "Últimos Dias", conectando-as a eventos e tendências contemporâneas em escala global. O interesse em correlacionar as profecias bíblicas com as notícias diárias é crescente, como evidenciam publicações que buscam demonstrar como os sinais descritos nas Escrituras estão se cumprindo diante dos olhos da humanidade, revelando o plano profético de Deus.⁵

A escatologia não se apresenta como um estudo isolado, mas como uma parte integral e central da teologia sistemática. Sua abordagem exige rigor acadêmico e fidelidade bíblica, elementos essenciais para a validade de suas conclusões. A relevância intrínseca da

escatologia reside em sua capacidade de desvendar o plano divino para a humanidade, oferecendo esperança e orientação em meio às complexas crises globais.³

Um aspecto fundamental que se observa na abordagem da escatologia é a necessidade de superar o que alguns denominam "atomismo" teológico. Este termo descreve a tendência, por vezes presente em ambientes acadêmicos, de estudar partes isoladas das Escrituras – por exemplo, a doutrina Paulina da salvação em Gálatas versus Efésios – o que pode levar a visões fragmentadas e à percepção equivocada de uma falta de unidade ou coerência na Palavra de Deus.¹ A escatologia, por sua própria natureza, exige a síntese de profecias e temas que se desenvolvem progressivamente ao longo de toda a Bíblia. Se a teologia bíblica não consegue harmonizar essas diversas partes, a teologia sistemática, e consequentemente a escatologia, corre o risco de apresentar incoerências.

A insistência de que a escatologia deve ser central e coerente para evitar o ceticismo ² sublinha a importância de uma abordagem sistemática e holística. Tal metodologia é crucial não apenas para a precisão doutrinária, mas também para a credibilidade da fé diante dos "sinais dos fins dos tempos".⁵ Uma escatologia bem fundamentada, que integra toda a revelação bíblica, proporciona uma estrutura robusta para a interpretação dos eventos contemporâneos, contribuindo para evitar o sensacionalismo e a desorientação.³

II. Fundamentos Teológicos da Profecia Bíblica

A Escritura é reconhecida como a fonte primária e inerrante para toda a teologia sistemática e profética.¹ A Teologia Bíblica, ao traçar o desenvolvimento progressivo de termos e conceitos tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, desempenha um papel essencial como fonte para o teólogo sistemático, fornecendo a base para a compreensão da revelação divina.¹

No âmbito da teologia profética, é pertinente considerar a influência de autores que moldaram a compreensão de "últimos dias" em diferentes tradições. Ellen G. White, co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, é um exemplo notável. Ela afirmou ter recebido mais de 2.000 visões e sonhos, que foram interpretados pelos pioneiros adventistas como o "Espírito de profecia", conforme descrito em Apocalipse 12:17 e 19:10. Sua série de escritos, "O Grande Conflito", é central para a teologia adventista, buscando ilustrar a intervenção divina na história bíblica e eclesiástica.⁷

As perspectivas escatológicas frequentemente empregam o conceito do "Já" e do "Ainda não", que posiciona a Era Presente como um período de transição entre a primeira vinda de Jesus, que já ocorreu, e a segunda vinda, que é um evento futuro e que inaugurará a Eternidade.⁴ Essa compreensão implica que as profecias podem ter cumprimentos parciais, progressivos ou em estágios, e que a realidade escatológica já se iniciou, mas ainda não atingiu sua plenitude.

A autoridade da Bíblia é inquestionável como fundamento para a profecia. A Escritura é a base sobre a qual toda a compreensão profética deve ser construída. Consequentemente, a escatologia não é meramente um tema secundário, mas um pilar doutrinário que molda profundamente a compreensão da fé cristã e a conduta do crente.

Ao abordar as fontes teológicas, é importante estabelecer uma clara hierarquia. O material de pesquisa ¹ estabelece que "A principal fonte para o teólogo sistemático é a Bíblia." Embora o material ⁷ mencione Ellen G. White e suas visões como consideradas proféticas por uma denominação específica (Adventistas do Sétimo Dia), para um relatório de "Estudos Bíblicos Sistemáticos" que busca uma amplitude acadêmica e não se restringe a uma única tradição denominacional, é crucial reconhecer a influência de White dentro do Adventismo como um exemplo de teologia profética.

Contudo, deve-se reafirmar que, no contexto mais amplo da teologia sistemática, a Bíblia canônica permanece a única fonte primária e inerrante para a doutrina. Essa distinção é fundamental para manter a objetividade e o rigor acadêmico do relatório, garantindo que ele seja um recurso válido para um público teológico diverso e evitando a impressão de que fontes extracanônicas são equiparadas à Escritura.

III. Sinais Social e Espirituais dos Últimos Dias

A. Apostasia dos Últimos Dias e o Arrefecimento do Amor

A "apostasia", ou o abandono da fé, é um sinal profético proeminente associado aos últimos dias. Pesquisas recentes do Pew Research Center revelam uma tendência global de desfiliação religiosa. Em muitos países, cerca de um quinto ou mais dos adultos abandonaram a religião em que foram criados.⁸ No Brasil, por exemplo, 21% dos adultos não se identificam mais com a religião de sua infância.⁸

O Cristianismo tem experimentado perdas líquidas consideráveis devido a essa "troca religiosa". Em nações ocidentais como Espanha, Suécia, Holanda, Alemanha, Canadá, Reino Unido, França, Austrália, Chile, Estados Unidos e Itália, as perdas chegam a 20 pontos percentuais ou mais da população adulta total.⁹ Globalmente, estima-se que 1 em cada 10 adultos com menos de 55 anos tenha deixado sua religião de infância.¹⁰

A taxa de retenção do Cristianismo é de aproximadamente 83%, o que a coloca entre as mais baixas das grandes religiões, superada apenas pelo Budismo, com cerca de 78%. Em contrapartida, Muçulmanos e Hindus demonstram taxas de retenção significativamente mais altas, em torno de 99%.¹⁰

A maior parte dessa mudança resulta em desfiliação, com os indivíduos passando a se identificar como "não afiliados religiosamente" (ateus, agnósticos ou "nada em particular"). Essa categoria emergiu como o terceiro maior grupo religioso globalmente em 2020.⁸ Embora o número total de cristãos tenha aumentado em 122 milhões entre 2010 e 2020, sua porcentagem na população global diminuiu em 1,8 ponto percentual, impulsionada pela desfiliação generalizada na Europa Ocidental.¹¹

No contexto brasileiro, dados do Censo Demográfico de 2022 confirmam uma redução no percentual de católicos apostólicos romanos, de 65,1% em 2010 para 56,7% em 2022. Concomitantemente, houve um aumento no percentual de evangélicos, de 21,6% para 26,9%, e dos "sem religião", que passaram de 7,9% para 9,3%.¹²

O crescimento evangélico, em particular o de pentecostais e neopentecostais, é notável, representando 52% dos estabelecimentos religiosos no país em 2021. Contudo, o ritmo dessa mudança desacelerou em comparação com as décadas de 1990 e 2000.¹⁵

A "secularização" é uma tendência sociológica crescente, manifestando-se especialmente na Europa, América do Norte e outras nações ocidentais, onde os indivíduos tendem a prescindir da referência obrigatória a qualquer filiação religiosa. Esse fenômeno sociológico se reflete, inclusive, na legislação.¹⁷ Em Portugal, por exemplo, observa-se uma coexistência de tendências aparentemente contraditórias: o avanço da secularização, com a privatização das práticas religiosas, e um aumento do revivalismo e de novas crenças e visões de mundo.¹⁸

O excesso de individualismo na vida moderna pode gerar isolamento, competitividade desmedida, solidão e falta de empatia.¹⁹ A cultura contemporânea, que supervaloriza conquistas individuais como sucesso profissional, aparência física e bens materiais, cria uma pressão por desempenho que, muitas vezes, enfraquece o senso de solidariedade. As redes sociais, ao reforçarem a exposição do "eu ideal", estimulam a busca por validação e performance pessoal, o que paradoxalmente pode gerar mais isolamento do que conexão genuína.¹⁹ A empatia é apontada como um antídoto para esse individualismo abortado em si mesmo.²⁰

Existe uma clara tendência global de declínio da filiação religiosa tradicional, especialmente no cristianismo ocidental. O secularismo e o individualismo são fenômenos sociais que contribuem significativamente para o "arrefecimento do amor" e a desfiliação religiosa.

O conceito de "arrefecimento do amor" pode ser interpretado não apenas como um declínio da fé individual, mas também como uma erosão dos laços comunitários e da solidariedade social.

A secularização, definida como a tendência de indivíduos em "prescindir da referência obrigatória a qualquer filiação religiosa" ¹⁷, e o excesso de individualismo, associado a "isolamento, competitividade desmedida, solidão e falta de empatia" ¹⁹, contribuem para a desintegração das estruturas religiosas tradicionais. Essas estruturas historicamente forneciam comunidades e promoviam o amor ao próximo.

A perda de sua influência manifesta-se diretamente nas estatísticas de "troca religiosa" para a categoria de "sem religião".⁸ O declínio da filiação religiosa, portanto, não é meramente uma mudança demográfica, mas um sintoma de uma transformação mais profunda nos valores sociais e nas relações interpessoais, o que se alinha com a profecia do "arrefecimento do amor".

A seguir, a Tabela 1 apresenta um resumo das tendências de desfiliação religiosa global, com foco nos dados do Pew Research Center e do Censo Brasileiro.

Tabela 1: Tendências Globais de Desfiliação Religiosa (Pew Research Center e Censo Brasileiro)

Adultos que deixaram a religião de infância	Em muitos países, 20% ou mais. No Brasil, 21% dos adultos não se identificam mais com a religião de infância.	8
Cristianismo: Perdas Líquidas por "Religious Switching"	Perdas de 20 p.p. ou mais em países como Espanha, Suécia, Holanda, Alemanha, Canadá, Reino Unido, França, Austrália, Chile, EUA, Itália. Perda líquida global de 11,6 pessoas para cada 100 adultos criados como cristãos.	9
Taxas de Retenção Religiosa (Adultos 18-54 anos)	Cristãos: ~83% (17,1% deixaram, 5,5% aderiram). Budistas: ~78%. Hindus: ~99%. Muçulmanos: ~99%. Não Afiliados: ~93%.	10
Crescimento da Categoria "Sem Religião" / "Nones"	Terceiro maior grupo globalmente em 2020 (24,2% da população global). Principalmente devido a pessoas que abandonam a identidade religiosa cristã.	8
Brasil: Mudanças no Cenário Religioso (2010 vs. 2022)	Católicos: de 65,1% para 56,7% (-8,4 p.p.). Evangélicos: de 21,6% para 26,9% (+5,2 p.p.). Sem Religião: de 7,9% para 9,3% (+1,4 p.p.).	12
Brasil: Crescimento de Pentecostais/ Neopentecostais	52% dos estabelecimentos religiosos em 2021. Ritmo de crescimento desacelerou em comparação com décadas anteriores.	15

A tabela permite não apenas constatar a apostasia, mas também analisar onde ela é mais pronunciada (Cristianismo e Budismo em contraste com Hinduísmo e Islamismo) e para onde as pessoas estão se movendo (principalmente para a não-afiliação).¹⁰ Isso sugere que a profecia de apostasia pode ter manifestações diferenciadas entre as grandes religiões, e que o fenômeno da "não-religião" é uma tendência global emergente que impacta diretamente a paisagem espiritual dos "últimos dias".

B. Extrema Corrupção dos Homens e Desordem Social

A profecia bíblica sobre a "extrema corrupção dos homens" e a desordem social encontra eco em dados contemporâneos alarmantes. O Índice Global de Crime Organizado de 2023 revela uma ascensão contínua do crime organizado em escala global, com impressionantes 83% da população mundial vivendo em condições de alta criminalidade.²¹ Apesar de um aumento na resiliência em alguns países, as estruturas de

resposta global têm falhado em conter a ameaça do crime organizado, resultando em uma lacuna crescente entre a pervasividade do crime e os esforços de combate.²¹

O Índice de 2023 ampliou sua análise, introduzindo cinco novos indicadores de atividade criminosa, incluindo crimes financeiros, crimes cibernéticos, comércio ilícito de produtos sujeitos a impostos especiais, produtos falsificados, e extorsão e proteção.²¹

A corrupção política e social, outro aspecto da degradação humana, é monitorada pela Transparência Internacional, que desde 1995 produz o Índice de Percepção da Corrupção (IPC). Este índice avalia 180 países em uma escala de 0 a 100, onde notas mais altas indicam uma maior percepção de integridade. A organização atua globalmente na luta por justiça social e paz através do combate à corrupção.²²

O impacto devastador do uso de substâncias e da violência também se manifesta em escala global. Um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2024, baseado em dados de 2019, aponta que 2,6 milhões de mortes anuais são atribuídas ao consumo de álcool, representando 4,7% de todas as mortes. Adicionalmente, 0,6 milhão de mortes por ano estão ligadas ao uso de drogas psicoativas.

A maioria dessas mortes (2 milhões por álcool e 0,4 milhão por drogas) ocorreu entre homens.²⁴ Cerca de 400 milhões de pessoas sofreram de transtornos relacionados ao uso de álcool e drogas em 2019, com 209 milhões delas sendo dependentes de álcool.²⁴ O uso de substâncias prejudica gravemente a saúde, aumenta o risco de doenças crônicas e transtornos mentais, e contribui para acidentes, lesões e violência.²⁴

O Relatório Mundial sobre Drogas de 2022, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), indica que aproximadamente 284 milhões de pessoas na faixa etária de 15 a 64 anos usaram drogas em 2020, um aumento de 26% em dez anos.²⁵ No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) registrou 400,3 mil atendimentos a pessoas com transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de drogas e álcool em 2021.²⁵

Há evidências estatísticas robustas que corroboram a descrição bíblica de "extrema corrupção" e desordem social. A criminalidade e o uso de substâncias são problemas globais crescentes com impactos devastadores na saúde pública e na segurança social.

O Índice Global de Crime Organizado ²¹ revela que, apesar de um aumento na resiliência em alguns países, as estruturas de resposta global "falharam em conter a ameaça do

crime organizado". Isso não é apenas uma falha individual, mas uma falha sistêmica das instituições e da governança em nível global.

Essa lacuna crescente entre a pervasividade do crime e a capacidade de resposta sugere uma profundidade da "corrupção dos homens" que transcende a moralidade individual, atingindo as estruturas sociais e políticas. Essa incapacidade de conter a desordem, mesmo com o conhecimento e os recursos, pode ser vista como um sinal de que a "extrema corrupção" é uma força crescente e difícil de ser controlada pelos meios humanos, contribuindo para os "tempos difíceis".

Os dados da OMS e do UNODC ²⁴ demonstram um aumento alarmante no uso de álcool e drogas, com milhões de mortes e transtornos associados. O material ²⁴ explicitamente vincula o uso de substâncias ao aumento do risco de "acidentes, lesões e violência". Essa proliferação do vício e suas consequências diretas (saúde, violência) criam um ambiente de fragilidade social. Sociedades com altos índices de uso de substâncias e violência são mais suscetíveis à infiltração e expansão do crime organizado, cujos novos indicadores incluem extorsão e crimes financeiros.²¹ Assim, a "extrema corrupção" e a "desordem social" não são fenômenos isolados, mas se retroalimentam, criando um cenário de deterioração que se alinha com as descrições proféticas dos "últimos tempos".

As Tabelas 2, 3 e 4 fornecem dados numéricos que ilustram a extensão da corrupção, do crime organizado e do impacto do uso de substâncias globalmente.

Tabela 2: Índice de Percepção da Corrupção Global (Transparency International)

Indicador	Descrição	Fonte
Escala do IPC	Avalia 180 países em uma escala de 0 (altamente corrupto) a 100 (muito íntegro).	22
Objetivo da Transparência Internacional	Luta por justiça social, realização de direitos e paz através do combate à corrupção, apoio à sociedade civil, produção de conhecimento e conscientização.	23

A Tabela 2, ao apresentar a "percepção" da corrupção, oferece um panorama mais profundo do que apenas dados de crimes. A percepção pública da corrupção pode minar a confiança nas instituições, enfraquecer o estado de direito e desmoralizar a população,

criando um ambiente de cinismo e desespero que se encaixa na descrição de "tempos difíceis". Isso sugere que a corrupção não é apenas um ato ilegal, mas um fator corrosivo para a coesão social e a governança global, exacerbando a desordem.

Tabela 3: Dados do Índice Global de Crime Organizado (Global Initiative)

Indicador	Dados (2023)	Observações	Fonte
População em condições de alta criminalidade	83% da população mundial.	Ascensão contínua do crime organizado globalmente.	21
População em condições de baixa resiliência	62% da população mundial (vs. 79,4% em 2021).	Embora mais pessoas vivam em países com alta resiliência, as estruturas de resposta falharam em conter a ameaça.	21
Novos indicadores de atividade criminosa (2023)	Crimes financeiros, cibernéticos, comércio ilícito de produtos sujeitos a impostos especiais, produtos falsificados, extorsão e proteção.	Amplia a perspectiva sobre ameaças emergentes.	21

O dado de que, embora mais pessoas vivam em países com alta resiliência, as estruturas de resposta "falharam em conter a ameaça" ²¹ é um elemento crucial. Isso indica que a "extrema corrupção" não é apenas um problema de falta de recursos, mas uma falha fundamental nas "estruturas de resposta", sugerindo uma incapacidade intrínseca das sociedades humanas, em seu estado atual, de erradicar o mal. Essa lacuna crescente entre a ameaça e a resposta aponta para uma condição de deterioração que se alinha com a descrição de "tempos difíceis" e a inevitabilidade do juízo divino.

Tabela 4: Estatísticas de Mortes Relacionadas ao Álcool e Drogas (OMS)

Indicador	Dados (2019)	Observações	Fonte
Mortes anuais por álcool	2,6 milhões (4,7% de todas as mortes).	Maioria entre homens (2 milhões).	24

Mortes anuais por drogas psicoativas	0,6 milhão.	Maioria entre homens (0,4 milhão).	24
Pessoas com transtornos por uso de substâncias	~400 milhões (209 milhões dependentes de álcool).		24
Mortes por álcool entre jovens (20-39 anos)	13% do total de mortes atribuídas ao álcool.		24
Consumo per capita global de álcool	5,5 litros em 2019.	Níveis mais altos na Europa (9,2L) e Américas (7,5L).	24
Jovens (15-19 anos) consumidores regulares de álcool	23,5% globalmente.	Taxas mais altas na Europa (45,9%) e Américas (43,9%).	24
Atendimentos SUS no Brasil (2021)	400,3 mil atendimentos por transtornos relacionados ao uso de drogas e álcool.	Maioria homens, 25-29 anos.	25
Cobertura de tratamento para transtornos	Baixa, variando de <1% a 35% nos países com dados.	Estigma e baixa priorização contribuem para lacunas.	24

O fato de que "opções de tratamento eficazes existem, mas a cobertura permanece baixa" ²⁴ e que o estigma e a baixa priorização contribuem para essas lacunas críticas, é um aspecto que merece destaque. Isso sugere que, além do problema em si, há uma falha social e política em prover soluções adequadas.

A tragédia das mortes evitáveis e o impacto nas famílias e sociedades ²⁴ apontam para uma crise de saúde pública e moral que agrava os "tempos difíceis". A persistência e o crescimento desses problemas, apesar do conhecimento e da capacidade de intervenção, podem ser interpretados como um sintoma de uma condição espiritual mais profunda que impede a cura e a restauração.

C. Tempos Difíceis e Desafios Globais

A Bíblia oferece a segurança de que Deus possui um plano para a humanidade, independentemente das crises globais que possam surgir.³ No entanto, as profecias dos "sinais dos fins dos tempos" ⁵ são frequentemente associadas a um contexto de crises e instabilidade global, que inclui o avanço da tecnologia, guerras, criptomoedas e a fome mundial.⁵

Um dos desafios mais significativos nos últimos dias é o crescimento de movimentos religiosos não-ortodoxos e os desvios doutrinários. A história do Cristianismo é marcada por uma luta constante contra heresias que, ao longo do tempo, causaram divisão, confusão e danos espirituais.²⁶ Heresias antigas, como o gnosticismo e o arianismo, representaram desafios teológicos significativos para a Igreja Primitiva.²⁶ Atualmente, "heresias contemporâneas continuam a desafiar a unidade da Igreja".²⁷

O Centro para Estudos no Cristianismo Global estima um número crescente de denominações e práticas cristãs: 47.300 em meados de 2023, com projeções de 49.000 em 2025 e 64.000 em 2050.²⁹ O crescimento percentual das denominações tem sido igual ou superior ao crescimento da população cristã e de congregações desde 1900.²⁹ No Brasil, o crescimento dos estabelecimentos religiosos é liderado por evangélicos pentecostais e neopentecostais, que representavam 52% em 2021, enquanto os católicos somavam 11%.¹⁵ Há também um aumento de religiões afro-brasileiras como Umbanda e Candomblé, que passaram de 0,3% em 2010 para 1,0% em 2022.¹²

O movimento neo-pentecostal, em particular, tem sido objeto de discussões sobre desvios doutrinários.³⁰ Na Europa, a crise de uma sociedade altamente tecnológica e secularizada favorece o crescimento de seitas e Novos Movimentos Religiosos (NMR), incluindo o movimento da "Nova Era".³¹ Esses grupos, ao se desviarem das doutrinas cristãs estabelecidas, podem afastar os fiéis da unidade e comunhão da Igreja.³¹

A proliferação de denominações e movimentos religiosos, incluindo os não-ortodoxos e seitas, é um sinal de fragmentação e confusão espiritual nos "últimos tempos". A instabilidade global, incluindo guerras e fome, é consistentemente ligada a sinais proféticos.

O crescimento exponencial de denominações cristãs ²⁹ e o surgimento de novos movimentos religiosos ¹² podem ser vistos como uma consequência direta dos "desvios

doutrinários".²⁷ O material ²⁷ afirma que as heresias causam "divisão, confusão e danos espirituais" e que "disputas sobre questões teológicas podem levar à divisão, enfraquecendo a unidade que é essencial ao testemunho e à missão da igreja".

Em uma era de secularização crescente e busca por novas espiritualidades ¹⁷, a ausência de uma doutrina unificada e a proliferação de interpretações diversas (algumas consideradas heréticas por tradições ortodoxas) criam um cenário de "tempos difíceis" não apenas no âmbito social, mas também dentro da própria esfera religiosa, dificultando o discernimento e a unidade da fé.

IV. Sinais Geopolíticos dos Últimos Dias

A. O Retorno dos Judeus à Palestina e o Reestabelecimento de Israel

O retorno dos judeus à sua terra ancestral e o reestabelecimento do Estado de Israel são eventos de profunda significância profética. O sionismo, um movimento político que emergiu no século XIX na Europa em resposta ao crescente antissemitismo, defendia a criação de um Estado judeu na Palestina.³²

Essa ideologia impulsionou um aumento demográfico significativo na região, com a população judaica na Palestina crescendo de 25 mil em 1882 para 600 mil em 1948.³⁵

A culminação desse movimento ocorreu em 14 de maio de 1948, quando o Estado de Israel foi proclamado por intermédio da Organização das Nações Unidas, como parte do plano de divisão da Palestina. David Ben-Gurion tornou-se o primeiro premiê do novo Estado.³³ Este evento, no entanto, marcou o início de um conflito contínuo com os palestinos árabes, uma disputa que perdura até os dias atuais.³³

É notável que o famoso rabino Maimonides (1135-1204) já havia identificado a volta dos judeus para a terra de Israel como um dos quatro eventos que caracterizariam os últimos dias.³⁶

Em termos demográficos, a população do Estado de Israel em 2024 era de 9.848.480 pessoas, das quais aproximadamente 73%, ou cerca de 7,1 milhões de indivíduos, são judeus israelenses de diferentes etnias.³⁷ Globalmente, o número de judeus atingiu 14,8 milhões em 2019, com aproximadamente 6,7 milhões vivendo em Israel e 8,1 milhões fora de Israel, sendo 5,7 milhões nos Estados Unidos.³⁸

Um dado relevante é que o número de pessoas que poderiam imigrar para Israel através da Lei do Retorno atinge 23,6 milhões em todo o mundo ³⁸, indicando um potencial considerável para futuras ondas de imigração.

O retorno dos judeus e a criação de Israel são eventos geopolíticos e demográficos que se alinham diretamente com as profecias dos últimos dias, como antecipado por Maimónides. A Lei do Retorno indica um potencial contínuo para o aumento da população judaica em Israel, mantendo a relevância profética.

Embora o reestabelecimento de Israel seja visto como um cumprimento profético central, o material ³³ destaca que este evento "estabeleceu um conflito com os palestinos árabes que se estende até hoje". Este conflito não é um mero detalhe histórico, mas uma fonte persistente de instabilidade geopolítica no Oriente Médio, que se encaixa na descrição de "situação política entre as nações" e "confronto militar na Palestina".

A complexidade e a duração desse conflito sugerem que o cumprimento de uma profecia pode, por sua vez, gerar as condições para outras profecias relacionadas à instabilidade e guerra nos "últimos dias".

O aumento da população judaica na Palestina de 25 mil em 1882 para 600 mil em 1948 ³⁵ foi um movimento demográfico massivo. O dado mais recente de que 23,6 milhões de pessoas poderiam imigrar para Israel pela Lei do Retorno ³⁸ demonstra que este "retorno" não foi um evento pontual concluído em 1948, mas um processo contínuo e com potencial para futuras e significativas realocações populacionais. Isso reforça a visão de que o reestabelecimento de Israel é uma profecia em andamento, com implicações demográficas e geopolíticas contínuas que moldam o cenário dos "últimos dias".

A Tabela 5 apresenta dados demográficos históricos e atuais da população judaica, ilustrando a concretização e a continuidade do retorno.

Tabela 5: População Judaica em Israel e na Diáspora (Dados Históricos e Atuais)

Categoria	Dados Numéricos	Ano de Referência	Fonte
População Judaica na Palestina	25.000	1882	35

	400.000	1940	35
	600.000	1948	35
População Judaica em Israel	~7,1 milhões (73% da população total)	2024	37
População Judaica Global	14,8 milhões	2019	38
População Judaica Fora de Israel	8,1 milhões (5,7 milhões nos EUA)	2019	38
Pessoas elegíveis para imigrar para Israel (Lei do Retorno)	23,6 milhões	2019	38

A comparação entre a população judaica atual em Israel e o número potencial de imigrantes pela Lei do Retorno (23,6 milhões vs. ~7,1 milhões) ³⁷ é um elemento de grande relevância. Isso sugere que o "retorno" é um processo em andamento e que ainda há um vasto potencial para o influxo de judeus para Israel. Essa dinâmica demográfica contínua tem implicações profundas para a estabilidade e as relações políticas na região, mantendo Israel no centro das atenções geopolíticas e proféticas, e potencialmente intensificando as tensões que levam ao "confronto militar".

B. Situação Política Entre as Nações e Alianças Estratégicas

O Oriente Médio está imerso em uma transformação profunda, caracterizada por uma intensa renegociação de alianças, fronteiras e identidades.³⁹ A intensificação da guerra de Israel em Gaza, por exemplo, resultou em um colapso de sua imagem internacional e no recuo de países árabes que haviam iniciado um processo de normalização de relações, como os Emirados Árabes Unidos e o Bahrein.³⁹ A queda do regime sírio de Bashar al-Assad em dezembro de 2024 representa uma derrota para o Irã e um sinal do esgotamento do chamado "eixo da resistência", composto por Irã, Síria e Hezbollah.³⁹

A Autoridade Palestina, por sua vez, encontra-se enfraquecida, enquanto o Hamas, apesar de severamente atingido, ainda é percebido por muitos como um símbolo de

resistência, o que complica significativamente as negociações internacionais.³⁹ Atualmente, observa-se uma notável ausência de uma liderança regional clara para o processo de reconstrução, com potências como Rússia e Irã focadas em seus próprios impasses, a Turquia mantendo uma observação mais distante, e os Estados Unidos demonstrando pouco interesse em envolvimento direto, a menos que seus interesses comerciais ou de segurança estejam em jogo.³⁹

A influência de potências globais como a Rússia e a China na região do Oriente Médio é um fator crescente. A Rússia busca recuperar sua influência por meio da União Econômica Eurasiática (EAEU), enquanto a China avança com sua ambiciosa Iniciativa Cinturão e Rota (BRI).⁴⁰ A Organização para Cooperação de Xangai (OCX), liderada por Rússia e China, tem como objetivo organizar estratégias de segurança regional e conter a influência americana.⁴⁰ A intervenção russa na Síria em 2015 foi impulsionada pela busca de uma maior inserção no cenário internacional, especialmente no Oriente Médio, e para conter o avanço dos EUA na região.⁴¹

A Rússia mantém uma base militar em Tartus, na Síria, o que lhe confere presença estratégica no Mediterrâneo.⁴¹ A política externa russa, sob a liderança de Putin, tornou-se mais confrontacional com o Ocidente, buscando consolidar sua influência em sua "vizinhança próxima" e em regiões estratégicas como o Oriente Médio.⁴¹ O crescente alinhamento entre Rússia e China em fóruns como a OCX, BRICS, BRI e EAEU questiona a dominância unipolar dos EUA, estabelecendo uma nova configuração de poder global.⁴⁰

O Oriente Médio é um caldeirão geopolítico em constante renegociação, refletindo a instabilidade profetizada para os últimos dias. A crescente influência de Rússia e China na região, em oposição à hegemonia ocidental, aponta para uma reconfiguração do poder global que pode ter implicações proféticas.

O material ³⁹ detalha que a resposta "extremamente violenta" de Israel em Gaza levou ao "colapso de sua imagem internacional" e ao "recuo de países árabes que haviam começado a normalizar relações" (como EAU e Bahrein). Isso demonstra uma clara relação de causa e efeito: um conflito localizado (Gaza) tem um impacto direto e imediato nas "alianças estratégicas" e na "situação política entre as nações" em uma escala regional e até global. A brutalidade do conflito não apenas desestabiliza a região, mas também redefine as relações diplomáticas, criando um ambiente de maior

imprevisibilidade e cumprindo a profecia de "guerras e rumores de guerras" e nações em conflito nos "últimos tempos".

Os materiais ⁴⁰ descrevem as iniciativas da Rússia (EAEU) e da China (BRI), e sua liderança conjunta na Organização para Cooperação de Xangai (OCX), com o objetivo de organizar estratégias de segurança regional e conter a influência dos EUA. O material ⁴⁰ menciona especificamente o conceito de "Grande Eurásia" e a advertência de Zbigniew Brzezinski sobre uma "coalizão perigosa" entre China, Rússia e potencialmente Irã. Essa articulação estratégica de grandes potências orientais, impulsionada por interesses econômicos e de segurança, forma um bloco geopolítico substancial. Essa "Grande Eurásia" pode ser interpretada como uma manifestação moderna dos "reis do Oriente" ⁴² ou das potências do "norte" ⁴³ nas profecias bíblicas, preparando o cenário para confrontos futuros e reconfigurando o equilíbrio de poder global.

C. Confronto Militar na Palestina: O Vale do Armagedom

As profecias bíblicas indicam um confronto militar final na Palestina, com figuras e locais específicos. Gogue e Magogue são personagens proeminentes nas profecias de Ezequiel 38 e Apocalipse 20, representando os inimigos de Deus que liderarão um exército contra o povo de Deus nos "últimos tempos".⁴⁴ A Bíblia não especifica suas identidades exatas, mas indica que vêm do "norte".⁴⁵ Alguns relatos históricos de escritores antigos, como Heródoto e Flávio Josefo, identificam Magogue com os "Citas", um povo que habitava a "Cítia", uma região que hoje corresponderia ao sul da Rússia, da Ucrânia à fronteira com a China.⁴⁵

Gogue é o líder da terra de Magogue e dominará sobre vários povos.⁴⁵ Ezequiel 38:5-6 lista aliados como Pérsia (identificada com o Irã), Cuxe e Put (identificadas com regiões do Afeganistão e Paquistão), Gômer (identificada com o território alemão) e Togarma (identificada com a Turquia e várias nações do antigo bloco soviético).⁴³ A profecia indica que o ataque de Gogue e Magogue ocorrerá quando Israel estiver vivendo em paz e segurança, supostamente enganado por uma falsa paz prometida pelo anticristo. O motivo do ataque é a cobiça pelas riquezas de Israel.⁴³ Deus intervirá diretamente para destruir o exército inimigo.⁴³

As interpretações proféticas dos "Reis do Oriente" em Apocalipse 16:12-14 descrevem o sexto anjo derramando sua taça sobre o grande rio Eufrates, secando suas águas para

preparar o caminho dos "reis que vêm do Oriente" para a batalha do grande Dia do Deus Todo-Poderoso.⁴² O rio Eufrates é historicamente uma barreira natural que separa o oeste do leste no Oriente Médio.⁴³ Sua remoção é interpretada como a eliminação de um obstáculo que permitiria que nações orientais, como a China e seus vizinhos, avançassem sobre a terra de Israel.⁴³ Algumas interpretações sugerem que os "reis do Oriente" podem se referir a uma coalizão liderada pela China.⁴³

A localização geográfica do Vale do Armagedom é crucial para a compreensão dessas profecias. Megido está localizada ao sul do Vale de Jezreel, também conhecido como Planície de Esdrelom.⁴⁶ Essa cidade está estrategicamente situada na abertura de um desfiladeiro que era a principal via de ligação entre o Egito (ao sul) e a Síria (ao norte), tornando-a uma rota comercial e militar vital na antiguidade.⁴⁶ O nome "Har Megeddon" (Monte de Megido) é a origem do termo Armagedom.⁴⁶

A cidade é citada em diversos textos antigos e bíblicos, sendo o local de inúmeras batalhas históricas (como em Juízes 5:19-20 e 2 Reis 23:29), e é profetizada como o local da batalha final em Apocalipse 16:13-16.⁴⁶ O Vale de Jezreel, por sua vez, forma uma barreira com o Monte Carmelo, que também é palco de eventos bíblicos significativos, como o confronto de Elias com os profetas de Baal.⁴⁶

A identificação de Magogue com regiões como o sul da Rússia, Ucrânia ou a fronteira com a China ⁴⁵ e a possibilidade de os "reis do Oriente" se referirem a coalizões lideradas pela China ⁴³ criam uma convergência notável com as atuais realidades geopolíticas. A importância estratégica do rio Eufrates secar ⁴² para permitir o avanço de potências orientais sobre Israel conecta diretamente as mudanças geopolíticas modernas (como a formação do bloco da "Grande Eurásia") às antigas profecias. Isso sugere que o cenário está sendo preparado para o "confronto militar" profetizado no Oriente Médio, com grandes potências globais desempenhando papéis delineados nos textos bíblicos.

A seleção de Megido como "Armagedom" em Apocalipse ⁴⁶ não é arbitrária, mas destaca sua duradoura importância geopolítica. A localização estratégica de Megido, que controlava rotas comerciais e militares e dominava o Vale de Jezreel ⁴⁶, a tornou um campo de batalha histórico. Isso implica que futuros conflitos provavelmente ocorrerão em áreas historicamente contestadas e estrategicamente vitais, sublinhando o realismo da profecia bíblica ao descrever a natureza e a localização dos confrontos dos "últimos dias".

A Tabela 6 apresenta o ranking das maiores potências militares globais, que fornece um contexto para a escala potencial dos confrontos militares profetizados.

Tabela 6: Top 10 Potências Militares Globais (2025) e Efetivo Total/Ativo

Posição	País	Índice de Poder (menor = melhor)	Efetivo Militar Total (aprox.)	Efetivo Militar Ativo (aprox.)	Ft
1º	Estados Unidos	0.0744	2,1 milhões	1,328 milhões	50
2º	Rússia	0.0788	3,5 milhões	1,1 milhão	50
3º	China	0.0788	3,1 milhões	2,035 milhões	50
4º	Índia	0.1184	5,1 milhões	1,476 milhão	50
5º	Coreia do Sul	0.1656	3,8 milhões	620 mil	50
6º	Reino Unido	0.1785	1,1 milhão	190 mil	50
7º	França	0.1878	376 mil	200 mil	50
8º	Japão	0.1839	328 mil	240 mil	50
9º	Turquia	0.1902	883 mil	360 mil	50
10º	Itália	0.2164	289 mil	165 mil	50

Nota: O Brasil ocupa a 10ª posição global em poder de combate terrestre, com 222.869 militares ativos no Exército, e a 13ª posição no ranking geral de 2025.⁵⁰ Irã e Israel estão entre os 20 maiores exércitos do mundo.⁵³

A concentração de poder militar em regiões específicas (como a Ásia) e o aumento dos orçamentos de defesa ⁵⁰ sugerem uma corrida armamentista global. Essa acumulação de poder militar, especialmente por nações identificadas em interpretações proféticas (como Rússia e potencialmente China), estabelece o palco para conflitos militares de grande escala no Oriente Médio, particularmente em torno de Israel, conforme descrito em

profecias como Ezequiel 38 e Apocalipse 16. Isso reforça a noção de uma escalada da tensão militar global como um sinal dos tempos do fim.

V. Conclusões

A análise sistemática das profecias bíblicas em conjunto com as tendências globais contemporâneas revela uma notável convergência entre os sinais preditos para os "últimos dias" e a realidade sócio espiritual e geopolítica atual. A escatologia, quando abordada com rigor acadêmico e fidelidade às Escrituras, não é um estudo periférico, mas uma lente essencial para compreender o plano divino em desdobramento.

No âmbito sócio espiritual, observa-se uma clara manifestação da "apostasia dos últimos dias" e do "arrefecimento do amor". Os dados do Pew Research Center demonstram um declínio global na filiação religiosa tradicional, especialmente no Cristianismo ocidental, com um aumento significativo de indivíduos que se identificam como "sem religião".⁸ Esse fenômeno é intrinsecamente ligado ao crescimento do secularismo e do individualismo, que corroem os laços comunitários e a solidariedade, criando um ambiente onde a fé e o amor podem esfriar.¹⁷

A proliferação de movimentos religiosos não-ortodoxos e desvios doutrinários contribui para a fragmentação e confusão espiritual, gerando "tempos difíceis" não apenas na sociedade, mas também dentro da própria esfera religiosa.²⁷

Geopoliticamente, o reestabelecimento do Estado de Israel e o retorno dos judeus à Palestina são eventos que se alinham diretamente com as profecias, como antecipado por Maimónides.³³ A continuidade do influxo demográfico judaico, com milhões de pessoas ainda elegíveis para imigração ³⁸, mantém Israel no epicentro das tensões regionais.

A criação de Israel, embora um cumprimento profético, também gerou um conflito contínuo com os palestinos, que se manifesta na "situação política entre as nações" e no "confronto militar na Palestina".³³

O Oriente Médio, em particular, é um caldeirão geopolítico em constante renegociação de alianças e fronteiras.³⁹ A crescente influência de potências como Rússia e China na região, que buscam organizar estratégias de segurança regional e conter a hegemonia ocidental através de iniciativas como a OCX e a BRI ⁴⁰, aponta para uma reconfiguração do poder global. Essa formação de uma "Grande Eurásia" pode ser interpretada como

uma manifestação moderna das potências do "norte" e dos "reis do Oriente" mencionados nas profecias.⁴²

A identificação de Magogue com regiões como o sul da Rússia e a China, aliada à estratégica localização do Vale do Armagedom (Megido) como um histórico campo de batalha ⁴⁶, sugere que o cenário está sendo preparado para os confrontos militares de grande escala preditos para os últimos dias. A escala dos exércitos modernos das principais potências militares globais ⁵⁰ fornece um vislumbre do potencial destrutivo desses conflitos.

A "extrema corrupção dos homens" e a desordem social são corroboradas por dados sobre o aumento do crime organizado globalmente ²¹ e o impacto devastador do uso de substâncias, que contribui para milhões de mortes e para a violência.²⁴ A falha das estruturas de resposta global em conter essas ameaças, apesar do conhecimento e dos recursos, sugere uma profundidade da corrupção que transcende a moralidade individual, afetando as próprias estruturas sociais e políticas.

Em síntese, os sinais sócio espirituais e geopolíticos examinados neste relatório apontam para um alinhamento consistente com as descrições bíblicas dos "últimos dias". Embora a interpretação profética deva ser cautelosa e evitar o sensacionalismo, as tendências globais de desfiliação religiosa, fragmentação doutrinária, corrupção generalizada, instabilidade geopolítica no Oriente Médio e a reconfiguração do poder global sugerem que a humanidade está testemunhando o desdobramento de eventos que foram antecipados nas Escrituras. O estudo sistemático da profecia oferece não apenas uma compreensão dos tempos, mas também um chamado à reflexão e à preparação espiritual.